

A Moça mais Bonita do Rio de Janeiro

Artur Azevedo

I

Era em 1875. Numa pequena casa do Engenho Novo habitava, em companhia dos pais, a moça mais bonita do Rio de Janeiro. Como houvesse nascido a 2 de maio, recebera na pia batismal, por simples indicação da folhinha, o nome de Mafalda; entretanto, ninguém a conhecia por esse nome, pois desde o berço começaram todos de casa a chamar-lhe Fadinha, corruptela e diminutivo de Mafalda. E bem lhe assentavam aquelas três sílabas, porque a moça, aos dezoito anos, possuía todos os encantos que têm, ou devem ter, as fadas, e na sua beleza extraordinária havia, realmente, qualquer coisa de sobrenatural e fantástico.

Morena, desse moreno fluido que só Murillo encontrou na sua maravilhosa paleta, de olhos negros e úmidos, narinas dilatadas, lábios grossos mas graciosamente contornados, abrindo-se, de vez em quando, para mostrar os mais belos dentes, cabelos negros como os olhos, abundantes, ligeiramente ondulados, apanhados sempre com um desalinho estético, deixando ver duas orelhas de um desenho tão impecável, que fora crime cobri-las - e todas essas partes completando-se umas às outras no oval harmonioso do rosto, Fadinha, por unânime deliberação do júri mais rigoroso, ganharia com toda a certeza o primeiro prêmio, se naquela época se lembrassem de abrir no Rio de Janeiro um concurso de beleza feminina. Todo o seu corpo se compadecia com a cabeça; era esbelta sem ser alta, robusta sem ser gorda, e as suas formas apresentavam uma extraordinária correção de linhas. As mãos e os pés eram modelos.

Exagerado parecerei, talvez, dizendo que Fadinha reunia a esses dotes físicos as melhores qualidades de alma; entretanto, a verdade é que era boa, afetuosa, submissa e compassiva. Tinha a sua ponta de vaidade, isso tinha, mas que outra mulher não a teria, sendo assim tão bonita?

Duas coisas, portanto, a desgostavam: ter vindo ao mundo a 2 de maio e chamar-se Mafalda, quando poderia nascer a 10 de julho e se chamar Amélia - e não ter nascido rica, muito rica, para fazer valer ainda mais a sua formosura. Todavia conformava-se alegremente com a precária condição de filha de um funcionário público paupérrimo. Sim, porque seu pai, o Raposo, chegara aos cinquenta anos simples oficial de Secretaria, sendo obrigado, para agüentar a vida, a empregar os afazeres escriturando livros comerciais, ora numa padaria, ora numa venda, ora numa casa de penhores. E a vida sedentária fez com que ele engordasse extraordinariamente. O dr. Souto, médico da família, costumava dizer: o Raposo é uma apoplexia ambulante.

Fadinha não era filha única: tinha um irmão mais velho arrumado no comércio, e outro, ainda muito novo, que estudava para doutor, porque o pai o considerava o "talento da família".

A mãe era uma senhora de quarenta e cinco anos, que não se parecia absolutamente com a filha. Não sei por que fenômeno fisiológico, de um casal tão feio (porque o Raposo, coitado! era outro desfavorecido da natureza) saiu aquele esplêndido produto, aquela criatura escultural, aquela beleza inverossímil! Note-se que os dois rapazes também eram feios, principalmente o futuro doutor - narigudo, orelhudo, enfezado, anêmico, insignificante.

Não contente de levar parte da existência às voltas com os santos do seu oratório particular, d. Firmina - assim se chamava a mãe de Fadinha - andava constantemente pelas igrejas, adorando os de fora; mas, em que pesasse a tanta piedade não perdoava à filha o ser tão bonita, e revoltava-se intimamente contra o singular monopólio que a moça recebera da natureza como se fosse uma dádiva escandalosa; entretanto, Fadinha era toda a sua ambição de fortuna, toda a sua esperança de melhores tempos. O seu sonho era ser sogra de um argenteiro, pois que o não poderia ser de um príncipe. Se o Raposo não fosse um chefe de família, às direitas, essa mulher tê-lo-ia dominado, usurpando toda a autoridade no lar; felizmente ele batia o pé, não consentia em nada que lhe desagradasse.

Mas a nossa Fadinha tem um namorado. E tempo de apresentá-lo aos leitores.

II

Linda como era, não faltavam à moça adoradores de todas as idades e categorias. Muitos homens se abalavam da cidade até o Engenho Novo, só pela satisfação de contemplá-la, muitos deles conduzidos pela simples curiosidade, muitos deles instigados pela vaga esperança de uma promessa envolvida num sorriso ou num olhar. Pode-se dizer que durante muito tempo a formosura célebre de Fadinha contribuiu para o aumento da receita dos trens dos subúrbios, e para a animação do bairro, que naquele tempo não tinha a população de hoje. Muitos desses adoradores chegaram à fala, declarando-se animados das intenções mais puras, e entre eles alguns havia realmente dignos da singular ventura de casar com Fadinha; ela, porém, todos repeliu com a maior delicadeza e compostura.

Um dia, o Raposo convidou para jantar em sua casa o Remígio, um bom rapaz, seu colega, empregado na mesma repartição em que ele exercia as suas funções oficiais. Esse Remígio era uma das pérolas da Secretaria, modelo de zelo, inteligência e assiduidade, funcionário "de muito futuro", como diziam todos; mas não era bonito, nem elegante, nem primava por nenhuma outra qualidade exterior. Entretanto, de todos quantos passaram diante dos formosos olhos da Fadinha, foi esse o único homem que lhe mereceu atenção. Negociantes acreditados e dinheirosos, funcionários bem colocados, advogados, médicos, oficiais do Exército e da Armada, etc. - tiveram todos que ceder lugar, no coração de Fadinha, a esse amanuense pálido, desajeitado, mal vestido, que apenas ganhava 166\$666 réis mensais.

A moça parecia ansiosa por que o seu coração se manifestasse; imediatamente deu a entender ao Remígio que ele seria vencedor entre os numerosos candidatos à sua mão. O

amanuense, que era modesto por natureza, e nem mesmo em sonhos imaginara esposar algum dia a moça mais bonita do Rio de Janeiro, ficou desvairado pela preferência que não solicitara, e apaixonou-se deveras por Fadinha.

Logo que se manifestaram claramente os primeiros sintomas daquele amor, houve um sobressalto na família. D. Firmina viu aproximar-se o perigo, e um dia, depois do almoço, quando o marido se dispunha a sair de casa, arrastando a sua obesidade até o trem, comunicou-lhe os seus receios; mas o Raposo, que tinha pelo Remígio uma afeição paternal, e não via com maus olhos a perspectiva do seu casamento com Fadinha, limitou-se a sorrir, dizendo:

- É muito natural que eles gostem um do outro e que se casem.

- Você está falando sério?

- Ora esta! Muito sério! Quem sabe se o Remígio não é digno da pequena!

- Um amanuense!

- E eu quem sou?... Que era eu quando fomos à igreja?... Fadinha se casará conforme a sua inclinação; se gosta de um amanuense e não de um ministro, paciência! Não quer ser rica; faz bem, porque a felicidade não está no dinheiro. Demais o Remígio não é para ai nenhum pobre-diabo carregado de esteiras velhas; o pai deixou-lhe alguma coisa; tem duas ou três casinhas, algumas apólices e muito juízo, que é o essencial Estimado como é na Secretaria, não lhe dou cinco anos para estar chefe de seção. Acenda você a lanterna de Diógenes, que não encontra genro mais ao pintar.

- Deixe-se disso! Nossa filha é muito bonita, e...

- Aí vem você com a boniteza de nossa filha! Isso não vale nada, absolutamente nada! E muito bonita, é, mas não tem vintém, e se se casasse à força com algum ricoço, o casamento pareceria mais um negócio que outra coisa. Demais, seria humilhante para nós que somos paupérrimos. Que diabo! Não quero especular com a beleza de minha filha, nem me opor à sua ventura contrariando os seus sentimentos. Você, que é tão religiosa, devia pensar como eu...

- Mas nós poderíamos fazer ver à Fadinha que...

- Basta! Já vejo que não nos entendemos neste particular. Na minha opinião, o Remígio é um excelente partido, e não vejo a razão por que a pequena deva aspirar a outro!

- Mas...

- Não há mas nem meio mas! Ela que decida, porque - e peço-lhe que tome em consideração as minhas palavras - a Fadinha não se casará com quem você ou eu quisermos que se case, mas com o noivo que escolher por sua livre vontade, seja amanuense, praticante, czar da Rússia, ou xá da Pérsia!...

- Eu...

- Nem mais uma palavra, Firmina! Você bem sabe que isto aqui não é casa de Gonçalo! Não admito que debaixo destas telhas outra voz se erga mais alto que a minha!

- Mas o que você está dizendo é uma asneira!

- Uma asneira!... Uma asneira!... É a mim que a senhora diz isso?!...

- Sim, sim... é ao senhor! Estou farta de representar nesta casa um papel tão subalterno!

- Nesse caso, vista as minhas calças e passe para cá as saias! Ora não seja tola! Hoje mesmo vou dizer ao Remígio que a pequena é dele!...

- Pois não há de ser, digo-lhe eu! Quero fazer a felicidade de minha filha!

- Não minta!... A senhora quer fazer a sua própria felicidade, não a dela! Não me obrigue a falar, porque, se falo, temos escândalo e escândalo grosso!

E o Raposo contrafazia-se, abaixando a voz para não ser ouvido pelos demais da casa:

- A senhora nunca a estimou como devia; nunca lhe teve amor de mãe, de verdadeira mãe!... E agora quer vendê-la... Boas!... Hoje mesmo falo ao Remígio!...

- Isso é uma infâmia! Eu sou mãe dela, e o senhor não tem certeza de ser seu pai!...

-Hein?... Que é isso?...

O Raposo cresceu para d. Firmina, mas uma onda de sangue lhe subiu à cabeça; ele abriu desmesuradamente os olhos e a boca, agitou os braços no ar e caiu fulminado.

Quando chegou o dr. Souto, chamado a toda a pressa, encontrou-o morto.

- Bem dizia eu que o Raposo era uma apoplexia ambulante!

III

O Remígio mostrou-se verdadeiro amigo: pediu a d. Firmina licença para tratar do enterro, e nem esta nem os filhos conheceram até hoje a importância das respectivas despesas.

Tão piedosa solicitude, e as lágrimas acerbadas que o moço derramou sobre o cadáver do velho colega aumentaram os sentimentos de Fadinha a seu respeito; agora não era somente o afeto, era também gratidão que aproximava aqueles dois corações. Com a morte do Raposo, ambos se sentiram órfãos, e essa identidade de situações cimentava ainda mais a mútua simpatia que os dominava.

Não teve d. Firmina uma palavra de agradecimento para tais favores e, mentalmente, o Remígio atribuiu essa falta à dor violenta que a viúva manifestava, a todos os momentos, com lágrimas e gritos. Na ocasião do enterro foram necessários três homens para arrancá-la de cima do caixão e, sete dias depois, terminada a missa, ele teve, na sacristia da igreja de São Francisco de Paula, um ataque de nervos tão violento, que parecia chegada a sua última hora.

Também os rapazes, quer o estudante, quer o empregado no comércio, não agradeceram ao Remígio o enterro e a missa; dir-se-ia que todos da casa consideravam aquilo uma obrigação.

Todos, não: Fadinha volta e meia falava da generosidade do moço, e as suas palavras, a que ninguém respondia, eram ouvidas com indiferença pela mãe e pelos irmãos.

O mais velho, o Alexandre, moço de vinte e dois anos, empregado na casa comercial do barão de Moreira, estava lisonjeadíssimo pelo fato de haver o patrão se dignado assistir pessoalmente à cerimônia fúnebre. Não queria acreditar nos seus olhos quando, no corredor da igreja, encontrou o barão parado, segurando o chapéu com a mão atrás das costas, de cabeça erguida, a examinar atentamente o retrato de um benfeitor da Ordem, pintado pelo Fragoso. O caixeiro a princípio supôs que o barão viesse a outra missa qualquer, mas, não obstante a sua tristeza, rejubilou-se quando viu que, ao começar a cerimônia, o titular tomava lugar entre os que tinham vindo render a derradeira homenagem ao defunto Raposo.

Acabada a missa, quando o padre, acompanhado do seu acólito, voltou para a sacristia, dobrando o joelho diante de cada altar, o barão foi o primeiro a abraçar o Alexandre, que estava perto da mãe dos irmãos.

- Seja homem! Todos nós passamos por estes dissabores... O mundo é isto mesmo...

- Obrigado, senhor barão.

- Não conheço sua família; peço-lhe que me apresente às senhoras.

A viúva não pôde ser apresentada porque chorava um oceano lágrimas, e não tinha atenção para mais nada além da sua dor espetaculosa; mas o barão, pasmado diante da beleza de Fadinha, deu-lhe um longo aperto de mão, dizendo-lhe:

- Minha senhora, seu irmão é empregado de nossa casa, e eu sou muito amigo de quantos me servem bem. Peço-lhe que diga à senhora sua mãe que o barão de Moreira está à sua disposição para tudo em que ela o queira ocupar, seja o que for.

- Muito obrigada, senhor barão.

Este oferecimento surpreendeu Alexandre, que não estava habituado às amabilidades do patrão, homem ainda novo, mas seco, autoritário, frio, orgulhoso da sua educação, da sua elegância, do seu título e dos seus contos de réis; na sua humildade de subalterno, o rapaz imaginava que, se o barão o encontrasse na rua, não o reconheceria; admirava-se, portanto, de que esse rico comodista se abalasse de Botafogo para vir assistir a missa rezada por alma de um funcionário obscuro, e tão interessado se mostrasse pela família. Os leitores vão ter mais adiante a explicação desse fenômeno.

Quando todos os convidados se retiraram, e a família Raposo ficou só na sacristia, os dois rapazes despediram-se da mãe e da irmã: o mais velho ia para a casa onde era empregado e onde almoçava, e o mais novo para a Escola de Medicina: estavam à porta os exames, não convinha faltar; almoçaria no Rocher de Cancalle, à Travessa do Ouvidor.

O Remígio ofereceu-se para acompanhar as senhoras até o Engenho Novo; mas a viúva, que na ausência de espectadores já não parecia tão angustiada, recusou formalmente.

- Não, senhor; não quero que se dê a esse trabalho; o senhor precisa ir também para a sua repartição.

Fadinha interveio:

- Um dia não são dias. Venha, seu Remígio; almoçará conosco.

- Já disse que não!

O amanuense curvou a cabeça e levou as duas senhoras até o carro: fê-las entrar e fechou a portinhola.

- Apareça - disse Fadinha tristemente e agitou os dedos num delicado adeus.

D. Firmina, essa não articulou uma palavra; mas quando o carro se afastou, na direção da rua do Teatro, ela vociferou, com uma indizível expressão de cólera no olhar:

- Trata de te esqueceres deste sujeitinho! Já não tens o pai toleirão que tinhas! Quem manda sou eu, estás ouvindo?...

IV

Agora, a explicação do fenômeno:

O barão Moreira tinha vindo para o escritório mais cedo que nos outros dias, e entretinha-se a conversar com o seu amigo Pimenta, que de vez em quando o procurava para palestrar com ele, recordando juntos os bons tempos em que ambos freqüentavam o Colégio Vitório.

O Pimenta abraçara também a carreira comercial, mas não foi tão feliz como o seu condiscípulo. Percorrera, durante muitos anos, um grande número de casas, e em nenhuma delas encontrou a fortuna a que lhe dava direito a sua prodigiosa atividade. Aos trinta e tantos anos ainda não tinha no comércio uma posição definida, mas, enfim, sempre se arranjava como corretor de mercadorias, cujas vendas, feitas por seu intermédio, lhe deixavam pingues porcentagens.

A sua longa passagem por um grande armarinho da rua do Ouvidor, de onde ao cabo de quinze anos de sonhos e esperanças, saíra irritado contra os patrões, e com uma mão atrás e outra adiante, valeu-lhe duas qualidades excepcionais: conhecer como ninguém aquele gênero de negócio e ser a crônica viva de toda a população carioca. Não havia fato, escandaloso ou não, que o Pimenta não armazenasse na memória e não glosasse no momento oportuno.

Era má língua, e, sem esse defeito, estaria talvez rico e independente como o barão de Moreira, escusado de andar acima e abaixo, de porta em porta, suando as estopinhas, munido de amostras, faturas e conhecimentos. Uns diziam: - O Pimenta não é mau sujeito, mas tem uma língua que o perde - e outros: - É muito vivo, muito esperto, mas não há maior caipora. Entretanto, como se conservava solteiro e não tinha obrigações de família, o Pimenta suportava de cara alegre o seu caiporismo, ganhando o preciso para viver sem ser pesado aos amigos.

Naquele dia ele aparecera, como já dissemos, no escritório do barão de Moreira para dar dois dedos de palestra ao amigo de infância e talvez papar-lhe o almoço.

Conversavam ambos, quando o Alexandre entrou no escritório para participar ao barão ter recebido naquele instante a notícia que seu pai falecera repentinamente, e pedir-lhe alguns dias de dispensa.

O barão, que era de uma altivez de autocrata para com os empregados da sua casa, observou, sem levantar os olhos:

- Isso é com o senhor Motta; já lhe falou?

- O senhor Motta não está.

- Pois pode ir.

E o Alexandre saiu sem receber uma palavra de condolência.

- Conheces este teu empregado? - perguntou o Pimenta ao barão.

- Não; quem o admitiu foi o meu sócio, o Motta; creio ser esta a primeira vez que lhe falo; bem sabes que tenho por sistema ligar pouca importância aos caixeiros...

- Foi por isso que te perguntei se o conhecias.

Houve uma pausa.

- Nesse caso não conhecestes o pai, o Raposo, que acaba de falecer repentinamente?

- Não.

- E não sabes que o teu caixeiro é irmão da moça mais bonita do Rio de Janeiro?

- Não!

- É singular! Nunca ouviste falar da Fadinha do Engenho Novo?

- Tenho idéia...

- Pois é ela!

- E é realmente bonita?

- Se é bonita! É formosa! É linda!... Não há reputação mais merecida!

- Que diabo! Estás me aguçando a curiosidade! Como poderei vê-la?

- Muito simplesmente: vai a missa do sétimo dia. Como o irmão é empregado em tua casa, procura esse pretexto para oferecer, mesmo na igreja, os teus serviços à família, e terás ocasião de vê-la bem de perto.

- Lembras bem. Só assim iria eu à missa do pai do senhor... como se chama o rapaz?

- Alexandre.

E ali está por que o barão de Moreira compareceu a missa: mera curiosidade sacrílega.

Quando o titular voltou da igreja, encontrou no escritório o Pimenta à sua espera.

- Então? Que tal?

- Meu amigo, aquela não é a moça mais bonita do Rio de Janeiro, é a mulher mais bela do mundo!...

V

Se o Alexandre se admirara de que o barão de Moreira houvesse comparecido à igreja, mais admirado ficou vendo que o patrão, daquele dia em diante, começou a tratá-lo com uma simpatia e uma atenção que em pouco tempo se transformaram em familiaridade. Chamava-o para o auxiliar em todos os trabalhos do escritório, confiava-lhe serviços de responsabilidade, incumbia-o de receber grandes somas ou levá-las ao banco, e um dia, estando o moço a passar uma carta a limpo, carta confidencial, de muita importância, o patrão ofereceu-lhe um dos seus magníficos havanos, dizendo-lhe:

- Fume, Alexandre.

Motta, o sócio do barão, que era a antítese deste, bonacheirão, amável, amigo dos empregados, estava estupefato e não sabia a que atribuir aquele favoritismo; o guarda-livros, porém, e os outros caixeiros, já enciumados, e talvez instruídos pelas perversas insinuações do linguarudo Pimenta, murmuravam: - Não há nada como ter irmã bonita...

O barão pedia constantemente notícias da família, interessando-se pela viúva, e repetindo, quase todos os dias, o oferecimento dos seus serviços e da sua amizade para prevenir, remover ou sanar qualquer dificuldade criada pelo súbito falecimento do velho Raposo. O rapaz desfazia-se em agradecimentos e, chegando à casa, contava à mãe todas as atenções e finezas que merecia ao patrão.

D. Firmina, perspicaz e manhosa, desconfiou naturalmente que o barão, impressionado pela beleza de Fadinha, procurasse meios e modos de se aproximar da família, e um dia aconselhou o filho a que lhe oferecesse a casa dizendo-lhe que ela, d. Firmina, muito reconhecida a todos os favores do titular, teria muita satisfação em lhos agradecer pessoalmente.

Se d. Firmina bem o disse, Alexandre melhor o fez, e o barão, já se vê, não deixou fugir uma ocasião que havia já dois meses provocava. Um belo domingo resolveu ir almoçar no Engenho Novo. Para dar maior solenidade à visita, d. Firmina foi esperá-lo na estação, acompanhada pelos rapazes, só pelos rapazes, porque Fadinha, sabendo da vinda do barão, fechou-se na alcova, pretextando uma enxaqueca violenta, e não houve súplicas nem ralhos, carinhos nem ameaças que a fizessem sair.

A moça estava desesperada: havia mais de um mês que não punha os olhos no seu querido Remígio. Foram tantas as grosserias de d. Firmina e dos rapazes, que o namorado, compreendendo que o queriam afastar, e vendo que era impossível afrontar a pé firme aquela súcia de ingratos, fez-lhes a vontade, sem, contudo, renunciar os seus projetos de casamento, porque Fadinha continuava a ser a mesma, e ele considerava-a digna, por todos os respeitos, do seu afeto e da sua constância.

- Façam o que fizerem, serei tua, só tua, juro-te por alma de meu pai! Quanto mais me oprimirem, quanto mais te ofenderem, mais crescerá, se é possível, o ardente amor que te consagro! Sou tua noiva!

Animado por essas palavras de fogo, em que Fadinha pusera toda a energia da sua alma, toda a sinceridade do seu coração, o Remígio esperava resignadamente ensejo de fazer valer os direitos do seu amor; entretanto - digamo-lo - o seu espírito vacilante e timorato não tinha forças para a luta a que o incitavam. Ele amava deveras, mas começava a maldizer intimamente aquela singular formosura, que fazia de Fadinha um objeto de cobiça, uma esperança de fortuna, espécie de seguro de vida de uma família inteira. Não obstante a última vontade, o desejo extremo e sagrado do venerando Raposo, receava que a sua insistência causasse a desunião e a desgraça da família. Entretanto, Fadinha, todas as vezes que, iludindo a vigilância materna, lhe podia escrever, repetia cada vez mais veementes protestos de fidelidade.

Mas voltemos ao barão de Moreira que, na estação do Engenho Novo, com o seu terno de flanela clara, o seu chapéu de palha branca, a sua gravata polícroma, o seu alfinete de brilhantes e a rosa enorme que trazia ao peito, contrastava com o aspecto daquela matrona e daqueles dois rapazes vestidos de luto, luto fechado, em que eram pretos até mesmo os punhos e os colarinhos.

VI

No dia seguinte, entrando no escritório do barão, o Pimenta encontrou-o de mau humor.

- Então? Foste?

- Fui. Fui a Roma e não vi o papa.

- Não entendo.

- Roma é o Engenho Novo e o papa é Fadinha; entendes agora?

- Não a viste?

- Já te disse que não. Estava doente; não me apareceu.

- Deveras?

- Imagina que estupidez almoçar com dona Firmina e os filhos, e vê-la por um óculo! Almoçar é um modo de dizer, porque não comi nada. Fiquei desesperado!

- E que te disse a velha?

- A velha estava ainda mais contrariada do que eu. Era uma coisa que entrava pelos olhos. Pediu-me muitas desculpas pela ausência da filha, e disse-me - sem nenhuma convicção, aliás - que ela estava realmente indisposta.

- Não creias.

- Está visto que não creio.

- Tens um rival.

- Já desconfiava disso.

- Um concorrente sério. Informaram-me de tudo hoje pela manhã.

E o Pimenta contou ao barão o que os leitores já sabem: os amores de Remígio e Fadinha, a última vontade do velho Raposo, os obséquios prestados à família, a oposição de d. Firmina e dos filhos, o afastamento de Remígio - e acrescentou:

- A pequena desconfiou que te queriam impor-lhe para marido, e fechou-se no quarto. Aí tens por que foste a Roma e não viste o papa.

- Que me aconselhas tu?

- Para responder a essa pergunta, preciso primeiramente saber quais são as tuas intenções.

Houve um longo silêncio.

- Gostas dela?

- Muito. Já gostava, e depois do maldito almoço fiquei gostando ainda mais!

- Estás disposto a ser seu marido?

Houve outro silêncio, ainda mais longo que o primeiro.

- Se não queres fazê-la baronesa - redargüiu o Pimenta - esquece-te da moça. Que diabo! Ela pode ser feliz com o tal Remígio, que é rapaz honesto.

- Mas quem te disse que as minhas intenções não sejam boas?

- Tu ficaste calado...

- Fiquei, porque o casamento me apavora. E tão deliciosa e tão completa a minha liberdade! Sim, confesso-te que o matrimônio jamais figurou no programa da minha vida, mas se for preciso...

- Como "se for preciso"? Pois entrou-te em cabeça que Fadinha poderia pertencer-te independentemente da intervenção do padre? Aquela família é pobre, mas tão honrada como a tua! Se queres ser seu marido, luta, e vencerás, talvez; senão, desiste de uma idéia indigna de ti!

O barão olhou muito tempo para o havano que tinha entre os dedos, deixou cair a cinza numa escarradeira, meteu o charuto na boca, ergueu-se, e disse resolutamente, numa baforada de fumo:

- Lutarei!

Quando o Pimenta saiu do escritório, encontrou no armazém o Alexandre, e disse-lhe rapidamente, a meia voz:

- O homem casa.

VII

Naquela manhã tinha sido o Pimenta procurado pelo Alexandre, que deu esse passo instigado por d. Firmina.

Esta, que se achava ao corrente da vida do barão de Moreira, e sabia, por intermédio do filho, quais eram os seus gostos, os seus hábitos, os seus amigos e o seu caráter, pensou em interessar o Pimenta na realização do auspicioso consórcio, e neste sentido falou ao Alexandre, a quem ele tratava com certa familiaridade desde que o vira nas boas graças do patrão.

Alexandre obedeceu. Como não possuía o fino espírito de um diplomata, foi ter de manhã cedo ao quarto que Pimenta ocupava num sobrado de alugar cômodos, à rua do Lavradio, e lhe falou com uma brutalidade que por outro qualquer seria repelida.

Encontrou-o ainda na cama, uma cama de ferro, desconjuntada, com um colchão estripado e um lençol encardido.

Disse-lhe que o barão estava apaixonado por Fadinha, e contou-lhe o que havia com respeito ao Remígio, cujos direitos adquiridos inquietavam a família.

- Mas que quer você que eu faça? - perguntou o Pimenta.

- Você, ao que parece, é o maior amigo do barão. Ninguém melhor que você poderá auxiliar a minha família na conquista de um noivo tão considerável. Assim, pois, venho pedir-lhe que trabalhe para que o casamento se faça, e, se se fizer, conte com uma boa lambugem.

O Pimenta não pestanejou e perguntou:

- De quanto?

- Depois estipularemos a quantia, que naturalmente será tirada do dote de minha irmã.

- Vá descansado.

- Mas veja lá! Não lhe fale do Remígio nem por sombras: se o barão descobre que Fadinha gosta de outro homem, lá se vai tudo por água abaixo!...

- Você é um criança sem nenhuma experiência do mundo! Onde já viu você empresa que fosse por diante sem concorrência? A presença de um rival é até indispensável para estimular o desejo. O nosso barão é orgulhoso: será capaz de tudo para não se deixar vencer pelo tal Remígio. O que é absolutamente preciso é que sua mãe procure convencer a moça da felicidade que a espera, se consentir nesse casamento. É indispensável, entretanto, convencê-la com bons modos, com meiguice, com beijos, com lágrimas, se preciso for;

empregando a rispidez e a gritaria não se consegue nada e podo-se até fazer com que ela bata a linda plumagem! Recomende, pois, à sua mãe toda a cordura; diga-lhe que não é com vinagre que se apanham moscas. Hoje mesmo falo ao barão; verei a disposição de espírito em que ele se acha depois do almoço de ontem - almoço que deveria ter sido ensaiado como se ensaia uma peça de teatro. Descanse, que me encarrego de aproximar sua irmã do nosso homem, e o casamento se realizará, e ainda bem, porque nunca me vi tão precisado de uns cobres.

E depois de percorrer com os olhos, ainda remelosos, todo aquele miserável tugúrio saudoso do espanador e da vassoura, o Pimenta acrescentou:

- Esteja no armazém quando eu sair do escritório, para saber a impressão que trarei da nossa conversa.

E dai está explicado o motivo por que o Pimenta, ao passar pelo Alexandre, lhe atirou aquelas três palavras que soaram aos ouvidos do caixeiro como um hino de vitória: - O homem casa.

VIII

Os conselhos do Pimenta foram fielmente observados. D. Firmina e os rapazes concertaram-se para a conquista da moça por meio de meiguices, candongas e lamúrias. A mãe, que tinha a lágrima fácil, fez ver à filha que estava nas suas mãos salvar o futuro da família. Alexandre lembrou-lhe que esse casamento o faria sócio da casa comercial do barão de Moreira, e o estudante empregou todos os argumentos para convencer a irmã de que devia ser baronesa. D. Firmina estabelecia a todo o momento um paralelo entre o barão e o amanuense: de um lado opulência, luxo, conforto, alta sociedade, teatro lírico, Petrópolis, Paris; do outro pobreza, privações, luta pela vida, etc.

Fadinha não se deixou abalar por essa catequese impertinente, e resolveu escrever ao Remígio uma carta desesperada, que terminava por estas palavras: "Peço-te que me tires desta casa, deste inferno, pois só assim poderei ser tua. Sairei daqui no momento em que o entenderes, e ficarei em casa de alguma família do teu conhecimento, até que se efetue a nossa união. Não te demores em satisfazer ao meu pedido, porque já vou perdendo as forças com que tenho resistido até hoje. Não quero ser de outro homem que não sejas tu, porque te amo, e desejo ardentemente cumprir a vontade de meu pobre pai."

Esta carta sobressaltou o Remígio, cujo caráter vacilante não se podia conformar com um ato de violência, como fosse raptar uma donzela. Assustava-o a perspectiva de um escândalo, aterrorizava-o a grave responsabilidade que tomaria sobre os ombros, satisfazendo o imperioso desejo da sua amada.

Dizem que o verdadeiro amor não reflete; reflete, sim; tanto reflete que o Remígio estabeleceu mentalmente aquele mesmo paralelo que tinha sido o grande argumento de d.

Firmina e pela manhã, depois de uma noite de lágrimas e de insônia, estava convencido de que o seu dever era sacrificar-se. Mas para sacrificar-se inteiramente, precisava mentir, mascarar os seus sentimentos, dar ao sacrifício todas as aparências de uma resolução comum, que nada lhe custasse.

Foi nessas disposições que pegou na pena e escreveu esta carta:

'Fadinha - O que me pedes faria o desespero de tua família; seria um escândalo, que a memória sagrada de teu pai me não perdoaria. Lamentei sempre a tua excepcional beleza como um obstáculo erguido contra a minha felicidade e, como tua mãe e teus irmãos, penso que não tens o direito de recusar um título de baronesa e uma fortuna sólida, para te lançares nos braços de um funcionário público subalterno. Seria para mim motivo de eterna mágoa não te poder dar o luxo, o conforto, o simples bem-estar que não te faltarão no palacete do barão de Moreira. Os teus parentes maldiriam o meu egoísmo, e - tu mesma - quem sabe? - quando mais tarde passasse o que se chama lua-de-mel, te arrependerias de haver trocado um rico titular por um pobre-diabo como eu. Consente no consórcio que te propõe a tua família; sofrerei muito porque te adoro, mas consolar-me-ei com a certeza de que serás mais venturosa com esse homem do que o poderias ser comigo.'

Essa carta, que o Remígio assinou com o mesmo sentimento com que assinaria a sua sentença de morte, produziu o desejado efeito.

Na noite em que a entregaram a Fadinha, o barão de Moreira estava na sala em companhia de d. Firmina e dos filhos. Era a terceira visita que o negociante fazia à família.

A moça correu pressurosa para o seu quarto e abriu a carta. Leu-a, e segurou-se a um móvel para não cair fulminada por aquele desengano terrível.

Teve uma crise de lágrimas, chorou abundantemente, mas veio logo a reação e, reanimada pelo despeito e pelo orgulho, enxugou os olhos, compôs o penteado e foi para a sala.

O barão de Moreira levantou-se e correu ao seu encontro. Ela estendeu-lhe a mão, dizendo:

- Eu sei que o senhor barão deseja ser meu esposo. Poupo-lhe o trabalho de pedir a minha mão. Aqui tem! Sou sua!...

IX

Não esperava o barão de Moreira que se decidisse tão bruscamente a sua sorte; no fundo, contava que uma circunstância qualquer, atirando-lhe Fadinha nos braços, o dispensasse das

responsabilidades do casamento; entretanto, o titular submeteu-se a tudo, resignando-se a perder a liberdade que era o encanto da sua vida de libertino.

D. Firmina e os filhos não cabiam na pele de contentes. Ela tratava agora os vizinhos e mais pessoas do seu conhecimento com ares de proteção, e o Alexandre olhava para os companheiros do armazém e do escritório, e lhes falava, como se já fossem caixeiros dele.

O Pimenta estava radiante, e, com o olho na prometida *lambugem*, por todos os meios e modos estimulava o barão para que o casamento se realizasse quanto antes.

Marcou-se o "grande dia" em família, durante o jantar com que se festejou o décimo nono aniversário da Fadinha, e o barão, num brinde feito à noiva, ofereceu-lhe, com muita delicadeza, o enxoval, que mandaria vir de Paris. O casamento efetuar-se-ia em setembro, com todo o luxo e aparato. O noivo não mudaria de casa; apenas faria alguns reparos e modificações imprescindíveis em certos compartimentos, e substituiria a sua mobília de solteiro. O Pimenta foi logo encarregado de todas essas diligências.

Fadinha dissimulava o mais que podia o seu desgosto. Sofria muito, muito, porque, por mais que tentasse iludir a si mesma com a perspectiva de ser baronesa e abastada, não podia esquecer-se do Remígio. Este, que sabia, por portas travessas, de todos os incidentes relatados, sofria tanto como Fadinha; consolava-se, porém, com a idéia de que ela seria venturosa, e nada, absolutamente, nada lhe faltaria neste mundo, nem mesmo o seu amor, porque ele continuaria a amá-la, e amá-la-ia sempre, embora casada, cheia de filhos, envelhecida, morta!

Entretanto, prosseguiram os preparativos para o casamento. Chegou o enxoval, que era riquíssimo, e o palacete do barão ficou que nem um brinco. Os papéis estavam prontos. O Pimenta, que se incumbiu também disso, não se esqueceu de coisa alguma, nem mesmo do bilhete de confissão, comprado a um sacerdote pouco escrupuloso.

Na cidade, um dos assuntos obrigados de todas as conversas era o próximo enlace do barão de Moreira. Toda a gente o elogiava por se casar com moça pobre, e toda a gente o invejava, porque essa moça era a mais bonita do Rio de Janeiro. Fadinha tornou-se, mais que nunca, objeto de curiosidade pública, e mais que nunca o Engenho Novo foi visitado por pessoas estranhas ao bairro.

Faltava um mês apenas para a celebração do casamento. Era em 15 de agosto. D. Firmina, sempre devota, exigiu que Fadinha fosse com ela à ermida da Glória levar uma vela à Virgem e pedir proteção divina. A moça aquiesceu, e lá foram mãe e filha... A noite era quente, e no Largo da Glória, no outeiro e na ermida, a multidão compacta. Só à custa de incalculáveis esforços conseguiram as duas senhoras levar a vela ao seu destino. Dentro da ermida Fadinha sentiu-se mal, respirando com dificuldade, queixando-se de dores de cabeça.

- Não é nada. Vamos para casa, que isso passa.

Meteram-se num carro. Quando chegaram ao Engenho Novo, Fadinha ardia em febre. Foi imediatamente para a cama.

Estavam presentes, esperando as senhoras, o barão e o Pimenta, que se tornara íntimo da casa. Este foi logo chamar o médico.

Depois que Fadinha se acomodou, o noivo pediu licença para vê-la, e d. Firmina introduziu-o no quarto. A moça tinha os olhos fechados e ofegava. O barão aproximou-se dela e, tomando-lhe uma das mãos ardentes, perguntou-lhe com meiguice:

- Então?... Que foi isso?...

Fadinha sorriu e murmurou:

- Remígio!... Meu Remígio!

Delirava.

Trouxe o Pimenta o dr. Souto, o médico da família, o mesmo que passara o atestado de óbito do Raposo. Era um sexagenário, que havia mais de trinta anos clinicava no bairro, onde todos o conheciam e respeitavam.

- Então a beleza adoeceu?... Não há de ser nada, não há de ser nada...

O médico sentou-se junto ao leito e tomou o pulso à doente:

- Tem muita febre, tem... e a pele como está seca!... Já sei... uma supressão de transpiração... Não há de ser nada...

E voltando-se para d. Firmina:

- Segundo me disse aquele senhor (e apontou para o Pimenta), a menina foi à festa da Glória, sentiu-se mal dentro da igreja, e voltou para casa com febre e dores de cabeça...

- Sim, doutor.

- E não se queixou de mais nada?

- Não, senhor, mas está muito agitada, como vê...

O doutor debruçou-se delicadamente sobre a enferma, e perguntou-lhe em tom paternal:

- Ainda lhe dói muito a cabeça?

Fadinha não respondeu. Parecia não dar acordo de si.

O médico repetiu duas vezes a pergunta, e a enferma teve, afinal, um movimento quase imperceptível de lábios.

- E que mais lhe dói? Diga! Preciso saber... Vou dar-lhe um remédio que a porá boa...

A moça levou a mão à garganta.

- Dói-lhe também a garganta?

Desta vez ela respondeu distintamente:

- Dói.

- Bom. Não há de ser nada... Vou receitar, e amanhã voltarei cedo.

E depois de prescrever um sudorífico e uma dose alta de quinino, o médico despediu-se, dizendo:

- Convêm deixá-la quieta, muito quieta... Não lhe falem... Não façam o menor rumor neste quarto...

- Mas que tem minha filha, doutor?

- Por enquanto não posso diagnosticar... mas não há de ser nada... Não se assustem... Deixem-na transpirar, transpirar bastante... Só lhe mudem a roupa quando estiver alagada... De duas em duas horas uma cápsula... Até amanhã.

- E se a febre aumentar?

- Não aumenta, mas se aumentar previnam-me: darei cá um pulo. Não há de ser nada. Até amanhã.

- Boa noite, doutor.

E o médico saiu.

Entretanto, aquelas palavras - *Remígio!.. Meu Remígio!..* - proferidas pela moça na inconsciência do delírio sobressaltaram a família - e, quando o barão e o Pimenta se retiraram, d. Firmina e os rapazes, não obstante o estado em que se achava a doente, e as recomendações do médico, dirigiram-lhe amargas invectivas:

- Filha ingrata! Destruíste a nossa felicidade!

- Escabreaste o barão!

- Deitaste tudo a perder!

- Podes limpar a mão à parede!

A doente, que parecia não ouvir tais recriminações, começou a gemer, a gemer, como se sentisse muitas dores em todo o corpo. Assim passou a noite.

X

Ao sair de casa de d. Firmina, o barão de Moreira e o Pimenta encaminharam-se para a estação e tomaram o trem de ferro, sem trocar palavra.

Só alguns instantes depois de sentados e quando o carro já estava em movimento, o noivo rompeu o silêncio:

- Ouviste, Pimenta?

- O quê?

-"Remígio!... Meu Remígio!..."

- Ora que tem isso? Delírio da febre! Ela disse Remígio como poderia dizer Alfredo ou Bonifácio!

E os dois amigos calaram-se de novo, até que o trem chegou à estação Central. Ali separaram-se. O barão tomou um tálburi e o Pimenta, cortando em diagonal o Campo de Santana, encaminhou-se para o miserável tugúrio da rua do Lavradio, pensando na tremenda hipótese de, gorado o casamento, perder a cobiçada "lambugem".

XI

- "Remígio!... Meu Remígio!..." - essas palavras proferidas inconscientemente no delírio da febre não saíam do espírito do barão de Moreira, ferido por um sentimento amargo, que não sabia bem se era o ciúme ou o amor-próprio ofendido.

Ele interrogava todos os escaninhos da alma, e já supunha transformado em verdadeiro amor o frívolo capricho que o fizera noivo. Procurava iludir-se, buscava convencer-se de que o "Remígio!... Meu Remígio!..." era uma frase insignificante, sem a menor importância; mas a triste verdade aparecia-lhe em toda a sua nudez, e o negociante rememorava a noite em que Fadinha, num assomo de despeito, produzido por circunstâncias misteriosas, cedendo, talvez, aos rogos dos parentes, lhe oferecera a mão de esposa, antes mesmo que ele a pedisse.

Todavia, esta lembrança dolorosa, este azedume d'alma, em vez de o afastar da idéia do casamento, mais o impelia para ela; o seu orgulho, o seu prazer, a sua vitória seria conquistar, com o seu próprio merecimento, a formosa mulher que ia ser sua e o não amava ainda; seria disputá-la ao pobre amanuense indigno dela, exibi-la aos olhos da sociedade como um troféu glorioso, dar àquele belo quadro a moldura do ouro que lhe convinha.

O mísero deitou-se, mas não pôde conciliar o sono. Duas coisas o agitavam: a doença de Fadinha, que se apresentava com um caráter inquietador, e aquela frase proferida pelos seus lábios em febre: "Remígio!... Meu Remígio!..." Ela ia entregar-lhe um corpo vendido; o coração ficava com outro homem...

Tinha agora uma profunda inveja do seu rival, e uma dor, ainda mais profunda, causada pela injustiça da preferência da moça. O Remígio não era bonito, nem elegante, nem rico, nem talentoso, nem titular - por que era o preferido? - E sentia pelo amanuense uma espécie de

ódio. Tinha ímpetos de sair para a rua àquela hora, procurá-lo, assassiná-lo, vingando-se daquela frase terrível: "Remígio!... Meu Remígio!..."

Seriam três horas da madrugada quando o barão afinal adormeceu; mas logo um pesadelo horrível o despertou de novo. Fadinha apareceu-lhe, mais formosa que nunca, nos braços de Remígio, lançando-lhe motejadores olhares, soltando gargalhadas irônicas. Remígio, que o barão não conhecia, tinha no sonho a figura de um gigante espadaúdo e musculoso, contra o qual seria baldada qualquer violência; entretanto, o noivo cresceu para ele, oferecendo-lhe combate. Remígio empurrou-o desdenhosamente com o pé, e, vendo-o por terra, pisou-o como um elefante pisaria um cão. O desgraçado sentia-se esmagar por aquele peso; nada lhe doía, mas faltava-lhe a respiração, e não podia mover-se nem gritar.

Despertou alagado em suor, oprimido, aniquilado de vergonha pela humilhação que passara, embora em sonho. Dirigiu-se a um magnífico banheiro de mármore e tomou um banho frio; depois, vestiu-se e saiu para a rua, errando ao acaso, até que deu consigo na estação da estrada de ferro. Sentia-se agora tomado de um desejo súbito e imperioso de ver Fadinha, e estreitá-la nos braços, dizendo-lhe: Amo-te! Quero que sejas minha, só minha, exclusivamente minha!...

Quando chegou à casa da noiva, encontrou de pé d. Firmina, que o recebeu surpresa e contente: já não contava com ele.

- Então?

- Passou muito mal a noite... Queixando-se de muitas dores na garganta e nas cadeiras... muito agitada... muito nervosa...

- E a febre?

- Não diminuiu, mas também não aumentou.

Daí a instantes entrava o médico.

- Então, doutor? - perguntou d. Firmina depois que o velho clínico examinou a doente.

- Minha senhora, aquela febre tem todo o caráter de eruptiva.

- Eruptiva! - exclamou o barão.

- Sim, podem ser sarampos... mas também podem ser bexigas... Elas têm andado cá pelo bairro... Mas não se aflijam... Talvez sejam benignas... Não há de ser nada...

XII

Não se enganava o dr. Souto: era a varíola.

Fadinha passou aquele dia angustiada, queixando-se de muitas dores, com o rosto enrubescido, tendo freqüentes náuseas e vômitos, e na manhã seguinte o seu belo corpo estava inteiramente salpicado de pequeninos pontos vermelhos, que se desenvolveram durante quatro dias, transformando-se em horríveis pústulas, cheias de um fluido amarelo, rodeadas por um círculo negro. A peregrina beleza da moça desapareceu sob uma crosta repugnante e fétida.

Quando começou o período supurativo, a doente já estava abandonada por todos, menos por d. Firmina, que se sacrificou, digamo-lo, não por piedade materna, mas para guardar as conveniências, fingindo sentimentos que não tinha.

Os irmãos fugiram; durante a moléstia de Fadinha não houve notícia deles no Engenho Novo.

O barão de Moreira, logo que soube, pelo dr. Souto, da gravidade do caso, pois que se tratava, efetivamente, da pior espécie de varíola - a varíola negra - nunca mais lá foi.

O Alexandre sentiu, pela maneira seca por que o patrão começou de então em diante a tratá-lo, que o casamento estava desfeito, e com ele toda a fortuna sonhada pela família. Vencendo a tibieza de caráter, teve o caixeiro uma explicação com o ex-futuro cunhado, e este em termos que não admitiam réplica alegou brutalmente a visível paixão de Fadinha por outro homem. Vieram à bulha aquelas palavras fatais: "Remígio!... Meu Remígio!..." pronunciadas no delírio da febre.

A posição esquerda em que o desventurado ficou em casa do barão onde perdera todas as simpatias e era apenas sustentado pela influência indireta da irmã, os sarcasmos, os risinhos mal disfarçados do pessoal do armazém e do escritório deram com ele na rua, não obstante os generosos esforços que fez, para evitá-lo, o outro patrão, o sr. Motta, alma compassiva e boa, cuja bandeira de misericórdia debalde tentou cobrir o ambicioso rapaz. O próprio Pimenta desviou o rosto à primeira vez que encontrou o Alexandre, depois que este saiu da casa do barão, e nunca mais lhe falou.

D. Firmina ficou à cabeceira da enferma, sem outra pessoa senão uma viúva da vizinhança, amiga dedicada de Fadinha, muito boa senhora, a mesma que recebia e transmitia misteriosamente a correspondência de Remígio, e punha, epistolarmente, o amanuense ao fato de tudo quanto se passava no Engenho Novo.

Quando essa amiga lhe mandou dizer que Fadinha estava com bexigas, e o caso era grave, Remígio ficou aflito, sobressaltado, desesperado; quando ele soube que o barão de Moreira não visitava a noiva, que os rapazes não apareciam em casa da mãe, e esta, constrangida a não abandonar o seu posto, chegava a ponto de maldizer a filha, não pensou em mais nada, e, aconselhado unicamente pelo seu amor, correu para junto da variolosa.

XIII

O moço foi bem recebido por d. Firmina, não porque despertasse no coração desta senhora nenhuma nuga de gratidão, mas porque ia auxiliá-la no penoso trabalho de assistir à enferma.

Realmente, nunca houve enfermeiro tão dedicado nem tão vigilante.

A moléstia conservou durante muitos dias - dias angustiosos e terríveis - um caráter de excessiva gravidade; durante longo tempo, Fadinha, que estava com todo o corpo cruelmente invadido pela medonha erupção, teve a existência por um fio.

O dr. Souto desanimara completamente, e era por hábito, só por hábito, que repetia o fatigado estribilho: "Não há de ser nada."

Entretanto, os cuidados da ciência e a ciência dos cuidados triunfaram do mal, e Fadinha ficou boa, completamente boa, depois de ter estado suspensa entre a vida e a morte.

Ficou boa, mas desfigurada: a moça mais bonita do Rio de Janeiro transformara-se num monstro. Aquele rosto intumescido e esburacado não conservara nada, absolutamente nada da beleza célebre de outrora. Ela, porém, consolou-se, vendo que o amor de Remígio, longe de enfraquecer, crescera, fortificado pelo espetáculo do seu martírio.

A mãe conquanto insensível às boas ações, não pôde disfarçar a admiração e o prazer que o moço lhe causou no dia em que lhe pediu a filha em casamento, dizendo:

- Só havia um obstáculo à minha felicidade: era a formosura de Fadinha. Agora que esse obstáculo desapareceu, espero que a senhora não se oponha a um enlace que era o desejo de seu marido.

Realizou-se o casamento. D. Firmina, desprovida sempre de todo o senso moral, entendeu que devia ser aproveitado o rico enxoval oferecido pelo primeiro noivo; Remígio, porém, teve o cuidado de fazer com que o restituíssem ao barão. A cerimônia efetuou-se com toda a simplicidade, na matriz do Engenho Novo.

Um ano depois do casamento, Fadinha estava outra vez bonita, não da boniteza irradiante e espetaculosa de outrora, mas, enfim, com um semblante agradável, o quanto bastava para regalo dos olhos enamorados do esposo. Remígio dizia, sinceramente, quem sabe? que a achava assim mais simpática, e os sinais das bexigas lhe davam até um "não sei quê", que lhe faltava dantes.

- Não é bela que me inquiete, nem feia que me repugne. E o que fosse, quem o feio ama, bonito lhe parece. Era assim que eu a desejava.

O caso é que ambos foram muito felizes. Ainda vivem. Remígio é atualmente um alto funcionário, pai de cinco filhos perfeitamente educados.

O Alexandre, que teve sempre a proteção do cunhado, foi ao Amazonas procurar fortuna e lá ficou. O "talento da família" formou-se, e arrasta melancolicamente por essas ruas a sua mediocridade e o seu pergaminho.

D. Firmina faleceu há quinze anos, sem deixar saudades a ninguém, e se os leitores têm curiosidade em saber que fim levaram os demais figurantes desta verídica história, saibam que o barão de Moreira também morreu, solteirão, sem aproveitar o enxoval que mandou vir e que o Pimenta, depois de ter adquirido, no famoso Encilhamento, uma riqueza que os amigos calculavam em milhares de contos de réis, perdeu tudo e fez-se outra vez boêmio, vivendo, como dantes, de expedientes. Está velho e deu para beber.